

## ARE em âmbito escolar: problemas e possíveis soluções

Sandra Brito<sup>1</sup>, Ana Luísa Correia<sup>1</sup>, Maria Luísa Carvalho<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade da Madeira; <sup>2</sup>Escola Secundária Jaime Moniz

### Resumo

Neste artigo pretendemos analisar a temática da lecionação das Atividades Rítmicas e Expressivas (ARE) nas aulas de Educação Física (EF). No contexto atual da EF, muitos professores não abordam esta matéria nas suas aulas por um vasto leque de motivos. Após a aplicação dos questionários, verificámos que dos 33 professores inquiridos, 17 lecionam ARE nas aulas de EF, apresentando como principais limitações a motivação dos alunos e a dificuldade em operacionalizar os conteúdos do PNEF, adaptando-os ao nível de aprendizagem dos alunos. Já quanto aos professores que não lecionam esta matéria nas suas aulas, 14 dos inquiridos apresentam como principais motivos a formação insuficiente e a falta de bases na relação música-movimento. Dos 159 alunos inquiridos, 97 referem já ter abordado ARE em aulas de EF e 62 alunos afirmam nunca terem tido esta experiência. Os que tiveram essa experiência afirmam terem sentido vergonha a dançar e os que nunca tiveram referem, na sua maioria, que não gostariam de ter. Para este último resultado, apresentam como motivos o terem pouco à vontade em dançar com os colegas e o facto de considerarem que não é uma matéria de ensino interessante.

**Palavras-chave:** Atividades Rítmicas e Expressivas, Ensino, Professores, Alunos

## Introdução

Como forma de desenvolver o tema do módulo “ARE em âmbito escolar: problemas e possíveis soluções”, integrado na Ação Científico-Pedagógica Coletiva (ACPC) intitulada de “Contributos práticos para a abordagem da Educação Física (EF)”, pretendemos, através deste trabalho, conhecer e analisar a lecionação das Atividades Rítmicas e Expressivas (ARE) nas aulas de EF, compreendendo diferentes perspetivas, nomeadamente dos alunos e dos professores.

A EF deverá ser um espaço de formação eclética dos alunos e, neste sentido, as ARE, enquanto matéria obrigatória nos diferentes ciclos de ensino, deverão ser lecionadas pelos professores de EF. De um modo geral, Ruso (2005) advoga que muitas vezes isto não acontece por razões como: desconhecimento da matéria de ensino; falta de formação específica para lecionar a mesma; e até estereótipos de que as ARE são direcionadas apenas para o género feminino.

É essencial desmistificar a ideia de que a abordagem das ARE nas aulas de EF pode ser tão complexa a ponto de impedir que sejam lecionadas por parte dos professores que não têm formação específica na área das ARE.

## Objetivos

### Objetivo Geral

- Analisar a lecionação das ARE nas aulas de EF.

### Objetivos Específicos

- Perceber os motivos que levam alguns professores a não abordarem as ARE nas aulas de EF;
- Compreender as principais dificuldades dos professores na lecionação das ARE nas suas aulas de EF;
- Analisar a recetividade dos alunos para a aprendizagem desta matéria de ensino;
- Refletir sobre possíveis formas de colmatar as principais dificuldades dos professores na lecionação das ARE no âmbito da EF e Desporto.

## **Metodologia**

### Grupo de participantes

Este trabalho teve uma amostra, por conveniência, de 33 professores de Educação Física das escolas onde existem núcleos de estágio, no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, no ano letivo de 2015/2016, nomeadamente, Escola Secundária Jaime Moniz, Escola Secundária Francisco Franco, Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Eduardo Brazão de Castro, Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, e Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, e contou ainda com a participação de 159 alunos das escolas anteriormente referidas.

### Instrumento

Utilizámos dois questionários: o questionário dos professores apresentando questões acerca da lecionação ou não das Atividades Rítmicas e Expressivas; já o questionário dos alunos centrou-se em questões da aprendizagem das Atividades Rítmicas e Expressivas nas aulas de Educação Física.

### Procedimentos

Os questionários foram validados mediante a realização de um pré-teste. Após esta fase, e de modo a facilitar a aplicação dos questionários, contámos com o auxílio de cada núcleo de estágio na sua aplicação a duas turmas alunos, bem como a professores de Educação Física da sua escola. Aquando do preenchimento do questionário, foi feita uma breve apresentação por um professor estagiário, onde se enquadrou a realização do inquérito no âmbito da atividade científico pedagógico coletiva e foi realçado o anonimato dos participantes.

No tratamento estatístico dos dados foi utilizado o programa IBM SPSS, versão 23.

## Enquadramento teórico

### Resistências dos professores à abordagem das ARE nas aulas de EF

Muitas vezes, e ao contrário do que se pretende, não é atribuída igual importância às diferentes matérias nucleares de ensino. É necessário que os professores sejam capazes de olhar para cada uma das matérias como um meio para desenvolver capacidades e competências específicas nos seus alunos, dando assim resposta às necessidades e dificuldades dos mesmos. Neste sentido, e seguindo as linhas orientadoras do PNEF, consideramos determinante que as ARE sejam abordadas por todos os professores de EF nas suas aulas. No entanto, isto nem sempre se verifica, por um vasto leque de motivos, nomeadamente o facto dos mesmos considerarem que não têm formação suficiente para abordarem esta matéria nas aulas de EF (Ruso, 2005), demonstrando assim alguma desmotivação e atribuindo pouco ênfase à matéria.

Ainda na continuação das dificuldades e/ou resistências dos professores, Sousa (1979) e Ruso (2005) afirmam que as ARE são vistas, normalmente, como uma matéria direccionada para o género feminino, acreditando-se também que apenas pode ser lecionada num contexto específico e num espaço fechado, como um ginásio. Outros dos motivos que levam os professores a não abordarem esta matéria poderão ser: a pouca importância atribuída ao PNEF; a possível dificuldade em adaptar as linhas orientadoras do mesmo, ao nível de aprendizagem dos alunos; a desvalorização desta matéria de ensino; e o desconhecimento das potencialidades educativas da mesma (Sousa, 1979).

Num estudo realizado no Paraná, por Peres, Ribeiro e Junior (2001), sobre a perspectiva dos professores no que diz respeito à leção da dança, verificou-se que as principais dificuldades apontadas por estes são: a falta de conhecimento específico; a falta de recursos materiais e espaciais na escola; e a pouca afinidade com a dança.

### A receptividade dos alunos para a aprendizagem das ARE

Segundo Silva (2004), num primeiro contacto com esta matéria de ensino, os alunos até costumam aceitar bem, havendo, por parte de alguns destes, alguma resistência por terem preconceitos, nomeadamente com o seu próprio corpo. Todavia, outros motivos poderão surgir para que os alunos apresentem pouca receptividade para a aprendizagem desta matéria de ensino: terem vergonha de dançar; desconhecerem esta matéria e sentirem

medo de falhar; por pensarem que é direcionada apenas para os alunos mais proficientes em ARE; o facto de existir o estereótipo de que as ARE são direcionadas apenas para o género feminino (não pensando na possibilidade de diferenciação dos movimentos executados por rapazes e raparigas).

#### Potencialidades educativas das ARE

De acordo com o Ministério da Educação (2001b), as ARE permitem o desenvolvimento do aluno como um todo, trabalhando componentes motoras, relações interpessoais e capacidades emocionais. Ruso (2005) confirma a ideia anterior, afirmando que a dança é: universal, no sentido em que abrange ambos os géneros e todas as idades; motora, pois utiliza o corpo e as técnicas corporais para expressar emoções, sentimentos e ideias; e complexa, por envolver diversos domínios.

#### **As ARE no PNEF**

De acordo com o Ministério da Educação (2001a), as ARE surgem no PNEF divididas em dança, danças tradicionais portuguesas, danças sociais e aeróbica. As danças tradicionais portuguesas, as danças sociais e a aeróbica, surgem apenas no 3º ciclo e vão até ao ensino secundário, no entanto, a dança, aparece como matéria obrigatória desde o 1º ciclo até ao ensino secundário.

#### **Apresentação e discussão dos resultados**

Para a realização do nosso estudo, aplicámos questionários sobre a abordagem das ARE nas aulas de Educação Física, a professores e a alunos, como forma de compreendermos diferentes perspetivas acerca da abordagem desta matéria de ensino. Foram inquiridos 33 professores, sendo 17 (51,5%) do género masculino e 16 (48,5%) do género feminino. As idades dos inquiridos variam entre os 36 e os 54 anos, sendo a média de idades de 44 anos. Começámos por perguntar aos professores de EF se costumavam lecionar ARE nas suas aulas e verificamos que, dos 33 professores inquiridos, 19 (57,6%) costumam lecionar ARE nas suas aulas de EF e 14 professores (42,4%) não costuma abordar esta matéria de ensino. Após análise estatística verificamos que não existe uma relação estatisticamente significativa ( $p \leq 0,05$ ) entre os dados demográficos e o facto dos professores inquiridos lecionarem ou não as ARE nas aulas de Educação Física.

Relativamente aos professores que abordam esta matéria de ensino nas suas aulas, verificamos que estes lecionam, em média, 7 aulas de ARE. Não podemos afirmar que este é o número ideal de aulas, pois esse número poderá variar consoante as características e capacidades individuais dos alunos. No entanto, os números apontados são claramente inferiores à média de aulas dispensadas para as outras matérias nucleares. Assim sendo, procuramos compreender quais as principais dificuldades que estes professores sentem na abordagem das ARE nas suas aulas, sendo que os mesmos mencionaram sobretudo as dificuldades em motivar a turma e as dificuldades em operacionalizar os conteúdos do PNEF de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos, ou seja, questões de carácter técnico-didático.

Já os professores que não costumam lecionar ARE nas aulas de EF, referem que não o fazem, sobretudo, por considerarem o facto de terem insuficiente formação e por sentirem dificuldades na relação música-movimento. A seguir a estes motivos, aqueles que os professores mais referem são, o facto de esta matéria não ter sido seleccionada pelo grupo de EF e as dificuldades em motivar a turma.

No entanto, e como forma de superar estas dificuldades, os professores consideram que deveriam ter formação contínua prática sobre os diferentes conteúdos das ARE, formação contínua para a análise dos conteúdos programáticos, realçando ainda a necessidade de haver maior partilha e reflexão de experiências entre docentes e maior cooperação do grupo de disciplina no que diz respeito à operacionalização dos conteúdos das ARE do PNEF, ajustando-os ao nível de aprendizagem dos alunos. Assim, podemos afirmar que as respostas evidenciam a necessidade de interajuda entre os colegas de grupo de disciplina no sentido de conseguirem ultrapassar as dificuldades sentidas. O próprio PNEF dá ênfase à formação contínua de professores e preconiza e valoriza a cooperação entre professores, considerando-a uma estratégia ajustada para ultrapassar eventuais dificuldades e potenciar o desenvolvimento integral dos alunos.

Relativamente aos alunos inquiridos, conseguimos uma amostra de 159, sendo 65 (41,4%) do género masculino e 92 (57,1%) do género feminino. Estes pertencem ao 7º, 9º, 10º, 11º e 12º anos de escolaridade, apresentando uma média de idade de 15 anos.

Verificamos que dos 159 alunos inquiridos, 97 (61%) já abordaram ARE nas aulas de EF e 62 alunos (39%) nunca abordou esta matéria de ensino na disciplina de EF. Procurámos saber o que tinham achado desta experiência, os alunos que já tinham abordado as ARE nas suas aulas de EF. Das hipóteses apresentadas, aquelas com as quais os alunos mais se identificaram foram o facto de terem conseguido realizar movimentos ao som da música, de terem aprendido a contar os tempos das músicas e de terem ficado com mais conhecimentos sobre dança. Assim, podemos afirmar que

os alunos demonstram ter aprendido sobretudo as bases dos conteúdos das ARE, nomeadamente, a capacidade de perceber o ritmo musical e executar movimentos ao som da música.

Ainda no que diz respeito aos alunos que já tinham abordado ARE, quisemos saber que tipo de dança abordaram e em que anos de escolaridade. Verificamos que dentro das ARE, a dança é a matéria mais abordada em todos os ciclos de ensino. Consideramos que é natural que os alunos refiram com maior incidência a vivência deste conteúdo, pois, no PNEF está presente em todos os anos de escolaridade. Relativamente aos restantes conteúdos das ARE, verificamos que há uma maior abordagem da aeróbica, comparativamente às danças sociais e tradicionais portuguesas. Se por um lado a aeróbica preconiza a utilização de movimentos individuais tecnicamente padronizados, as danças sociais e tradicionais, para além da utilização de movimentos técnicos base bem definidos, solicitam competências relacionais e evidenciam o desempenho do papel social associado ao género. Consideramos que isto ocorre, provavelmente, devido às dificuldades dos próprios professores de EF em lidarem com estas questões.

Aos alunos que nunca abordaram ARE, perguntámos se gostariam de ter essa experiência. Destes, 25 dos alunos (42,4%) responderam que sim e 34 dos alunos (57,6%) responderam que não. Os alunos que gostavam de abordar as ARE nas suas aulas afirmaram que esta é uma matéria de ensino interessante, que gostariam de saber realizar movimentos ao som da música e de saber dançar diferentes estilos. Já os alunos que afirmaram que nunca tiveram nem gostariam de experienciar as ARE em EF, justificaram a sua resposta referindo que têm pouco à vontade para dançar com o par e/ou colegas, referindo ainda que esta não é uma matéria de ensino interessante e que sentem dificuldades em realizar os movimentos de forma coordenada com a música. Desta forma, consideramos que os alunos que nunca tiveram esta matéria de ensino e referem que não gostariam de ter essa experiência, fazem-no essencialmente por questões de insegurança associadas à falta de vivências e consequente desconhecimento desta matéria de ensino.

## Conclusões

Após este trabalho, verificamos que os professores de Educação Física que não lecionam ARE nas suas aulas, necessitam de ter formação contínua prática sobre os diferentes conteúdos das ARE e formação contínua para a análise dos conteúdos programáticos. Através destas formações, os professores poderão colmatar algumas das dificuldades sentidas no âmbito da lecionação desta matéria de ensino e conseguirão mais facilmente adequar os conteúdos e os exercícios planeados ao nível de aprendizagem dos alunos.

Ainda como forma de colmatar as dificuldades sentidas pelos professores, considerou-se que deverá haver maior partilha e reflexão de experiências entre docentes. Esta entajuda permitiria que os professores com maior formação ou mais à vontade nesta matéria, auxiliassem aqueles que apresentam maiores dificuldades. Esta partilha também favoreceria uma maior cooperação entre o grupo de disciplina, facilitando a operacionalização dos conteúdos das ARE, ajustando-os aos diferentes níveis aprendizagem dos alunos.

No que diz respeito aos alunos, verificamos que quando estes abordam ARE nas aulas de Educação Física, desenvolvem o sentido rítmico, aprendendo a contar os tempos das músicas e a realizar movimentos de acordo com esses tempos. No entanto, quando nunca abordaram esta matéria de ensino, a maioria dos alunos diz que não tem interesse em ter essa experiência, apontando factos como o sentir-se pouco à vontade e o não conseguirem realizar os movimentos de forma coordenada com a música.

Consideramos ser essencial procurar saber mais sobre as necessidades, dificuldades e motivações dos alunos, de modo a facilitar a receptividade na abordarem e aprendizagem desta matéria.

## Referências bibliográficas

Batalha, A. (2004). *Metodologia do ensino da dança*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

Ministério da Educação. (2001a). Programa de EF de 10º, 11º e 12º anos – Cursos gerais e cursos tecnológicos.

Ministério da Educação. (2001b). Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais. Lisboa, Portugal: Ministério da Educação.

Peres, A., Ribeiro, D. & Junior, J. (2001). A dança escolar de 1ª a 4ª série na visão dos professores de educação física das escolas estaduais de maringá.

*Revista da Educação Física/UEM*, 12 (1), p. 19 – 26. Retirado de:

<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3760/2590>

Ruso, H. (2005). *La danza en la escuela*. 3ª Edição. Barcelona: INDE Publicaciones.

Silva, A. (2004). Acerca da Prática pedagógica em Dança. In D. Tércio (Ed.), *A dança no sistema educativo português* (pp. 23-28). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Sousa, A. (1979). *A dança educativa na escola*. 2º Volume. Lisboa: Básica Editora.